

Do algodão reciclado ao bioglitter, microempreendedores investem no elitizado mercado vegano

Produtos são considerados benéficos ao meio ambiente, mas ainda custam bem mais caro que os convencionais.

Por Alice Vieira e Gabriel Ojea*

06/04/2019 06h02 - Atualizado há um dia



As irmãs Ana Carla e Caroline de Moura Nogueira com seus ecoprodutos — Foto: Arquivo Pessoal/Ana Carla Nogueira

O veganismo saiu da mesa e chegou aos objetos do cotidiano. Os veganos passaram a substituir não apenas alimentos de origem animal em sua dieta, como também levaram a filosofia do movimento até os materiais mais utilizados no dia a dia. No lugar do couro, da seda e até mesmo da cola, entram o algodão reciclado, a poliamida biodegradável, a cortiça natural e o PVC expandido na confecção de calçados. E mais: bambu para escovas de dente e talheres, aço inoxidável para canudo, e até mesmo alga, pó de mico e corante natural para produzir bioglitter vegano.



O outro lado de todos esses benefícios é que, embora os produtos não façam uso de matéria animal, nem sejam prejudiciais ao meio ambiente, o preço pode ser mais alto que o usual, o que dificulta o alcance do público. É o que aponta Ana Carla de Moura Nogueira, de 29 anos, que ao lado da irmã e sócia, Caroline de Moura Nogueira, de 28 anos, trabalha com a venda de ecoprodutos em Santos. “Infelizmente, (o produto vegano) é para um público elite, para quem tem dinheiro, e consegue trocar o guarda-roupa por roupas sustentáveis”.

Ana Carla reconhece que o preço da comida vegana é mais acessível, mas os demais produtos, não. “O vegano mesmo não usa nada de origem animal, só que tudo é muito caro. Vi que a população é adepta, mas o dinheiro acaba sendo uma limitação”, argumenta.

Não é difícil concordar com ela. Um canudo de inox que custa em torno de R\$ 12 pode ser combinado com um copo de fibra de coco que sai por mais R\$ 20. Uma escova dental de bambu não custa menos que R\$ 10. Uma ecobag vegana chega a custar R\$ 25, enquanto as bolsas estão na faixa de R\$ 200.

Ana Carla é crítica quanto ao preço de produtos veganos. Ela afirma que pessoas que querem trabalhar com sustentabilidade, mas vendem a preços abusivos, não estão de fato sendo sustentáveis. “Não se pode limitar o público”.



Jéssica Busato exhibe seus produtos em feira vegana: custo do material ainda é alto — Foto: Arquivo Pessoal/Jéssica Busato

Seguindo essa linha de raciocínio, Jéssica Busato, de 27 anos, que trabalha com produtos de higiene pessoal e cosméticos veganos, também em Santos, acredita que a humanidade se encontra em um “momento delicado”, que pede uma “mudança radical de hábitos e do consumo desenfreado”. Ela afirma que a maioria dos cosméticos vendidos no Brasil possui agentes químicos proibidos no resto do mundo. “Se pudermos usar um produto que não cause doenças, não polua o meio ambiente, nem explore os animais com testes, melhor ainda”, diz Jéssica.

Os microempreendedores atribuem o alto preço dos produtos veganos aos materiais utilizados para a confecção de seus produtos, que são caros e de difícil acesso. Monyque Artese, de 27 anos, e a mãe, Angélica Prado Ignácio, de 55 anos, ambas veganas, passaram a comercializar em Campinas sapatos confeccionados com produtos que não foram testados em animais. A confecção é feita a mão, e o custo de produção, maior que o de um sapato convencional. “Materiais sustentáveis são mais difíceis de achar, principalmente no Brasil, onde ainda não existe tanta demanda. Como a procura é pequena, o custo costuma ser bem mais alto do que de materiais comuns”, explica Monyque.



Monyque Artese e Angélica Prado Ignácio com seus sapatos veganos — Foto: Arquivo Pessoal/Monyque Artese

Esse ponto também é reforçado por Eliane Dias, 54 anos, que trabalha com vendas de bolsas, mochilas e carteiras veganas em Santa Catarina. Os produtos que ela utiliza são manufaturados com materiais sustentáveis e recicláveis, reaproveitados do que seria jogado no lixo, como garrafas PET.

O público que costuma consumir produtos veganos nem sempre é adepto desse estilo de vida. Monyque Artese explica que as pessoas começaram a se preocupar com a procedência do que consomem, e isso possibilitou que o setor crescesse. De acordo com Ana Carla de Moura Nogueira, 95% de seus clientes não são veganos, e ingressam aos poucos nesse segmento do mercado.

Para Eliane Dias, as pessoas que compram seus produtos estão preocupadas com o meio ambiente e os impactos sobre ele. Já pela experiência de Jéssica Busato, muitos clientes dizem que precisaram mudar seus hábitos por conta de problemas de saúde e reações alérgicas provocadas pelo uso de produtos farmacêuticos.

